

ESTRATÉGIAS E DISPOSIÇÕES DE VELHOS EM SALAS DIGITAIS

MARILDES MARINHO DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS),
MARILDES MARINHO DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS).

Resumo

O objetivo desta comunicação é apresentar algumas reflexões baseadas em uma pesquisa que teria como proposta central analisar as funções e os usos da leitura na tela para jovens pertencentes às classes populares, na tentativa de se compreender o papel da inclusão digital na vida desses sujeitos. Apesar do nosso objeto de pesquisa ser inicialmente centrado na categoria “juventude” (Dayrell), nos chamou a atenção a presença expressiva de usuários adultos e “velhos” (Bosi), nos centros de acesso público à internet. Por isso resolvemos investigar quais são as motivações dos velhos quando procuram espaços de inclusão digital, apoiando-nos em estudos sobre letramento (Street, Marinho, Soares), leitura (Chartier, Eco), inclusão digital (Warschauer) e inclusão social (Warschauer). Os resultados aqui apresentados foram obtidos através de pesquisa de campo realizada entre os meses de novembro de 2008 a março de 2009. Tomando como referência metodológica pressupostos da etnografia, foram feitas observações, aplicação de questionário e entrevistas (Green, Geertz, Rockwell, Bordieu, Szymansky) com os usuários das salas digitais de um Centro Público de Acesso a Internet com Orientação Vocacional e Tecnológica–CVT. Esta pesquisa nos leva a interrogar em que medida as estratégias e práticas de uso do computador nessas salas digitais têm oportunizado aos sujeitos a participação em práticas sócio-comunicativas e de inclusão social potencializadas e demandadas pelas novas tecnologias. Em alguns momentos, observa-se nesse espaço a transposição de pressupostos e de metodologias de alfabetização e de ensino de leitura, que revelam um descompasso entre o avanço das discussões e pesquisas no campo e a aplicação desses pressupostos para o ensino-aprendizagem dos conhecimentos sobre a internet no CVT. Observamos que as interações entre os velhos e as tecnologias de comunicação, nessas salas do CVT, enfatizam a importância desses espaços como um lugar de socialidade e de lazer. É possível supor que esses sujeitos reinterpretam, resignificam ou se apropriam de maneira distinta dos objetivos e funções previamente atribuídos às políticas e projetos de inclusão digital, sugerindo-se, pois, aos gestores dessas políticas a necessidade de se repensar seus pressupostos e estratégias.

Palavras-chave:

Práticas de Letramentos, Velhos, Inclusão Digital.

Apresentação

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas reflexões sobre as funções e os usos da leitura na tela para adultos com mais de 60 anos de idade, na tentativa de se compreender o papel de novas tecnologias na vida desses sujeitos. É importante ressaltar que essa categoria de sujeitos não estava prevista no recorte inicial desta pesquisa[1]. Interessava-nos, no início do projeto, apenas jovens de camadas populares. No entanto, durante o trabalho de campo, chamou-nos a atenção a presença expressiva de usuários adultos e velhos, nos centros de acesso público à *internet*. Por isso resolvemos investigar quais são as motivações dos velhos quando procuram espaços de inclusão digital, apoiando-nos em estudos sobre letramento, leitura, inclusão digital e inclusão social. Os resultados aqui apresentados foram

obtidos através de observações, questionários e de entrevistas realizados entre os meses de novembro de 2008 a março de 2009, com usuários das salas digitais de um Centro Público de Acesso à Internet com Orientação Vocacional e Tecnológica-CVT. Esta pesquisa nos leva a interrogar quais seriam as motivações ou interesses que levam esses sujeitos a procurarem esses centros e em que medida as estratégias e práticas de uso do computador nessas salas digitais têm lhes oportunizado a participação em práticas sócio-comunicativas e de inclusão social potencializadas e demandadas por novas tecnologias.

As estratégias de apropriação de conhecimentos digitais

Ao propor um estudo sobre jovens em busca da inclusão digital em um Centro Vocacional Tecnológico não esperávamos encontrar uma parcela tão significativa de usuários adultos e, principalmente, de velhos. Para Helman (2005), na sociedade moderna as pessoas velhas tendem a ter um status diferenciado se comparadas às pessoas mais jovens, pois, atualmente, é o jovem que frequentemente tem maiores habilidades e um conhecimento mais amplo em determinadas áreas da vida como, por exemplo, nas questões que envolvem tecnologias. Os jovens são mais hábeis para absorver e compreender as últimas inovações tecnológicas e em uma velocidade muito mais rápida se comparada a outras faixas etárias. Eles têm acesso a muito mais fontes exteriores de conhecimento do que tiveram seus pais e avós pelos meios de comunicação, livros e internet. Soma-se a essa facilidade e abertura dos jovens para as novas tecnologias, uma resistência e dificuldade das pessoas mais velhas, por inúmeras razões, que não poderão ser aprofundadas aqui.

Mas, o que é ser velho?

De acordo com o IBGE, o número de pessoas com 60 anos ou mais está crescendo mais rapidamente do que o de qualquer outra faixa etária em todo o mundo. Nos próximos 20 anos, a população idosa do Brasil poderá ultrapassar os 30 milhões de pessoas e deverá representar quase 13% da população ao final deste período. As projeções indicam que, em 2050, a população idosa será de 1.900 milhões de pessoas, montante equivalente à população infantil de 0 a 14 anos de idade. Os números mostram que, atualmente, uma em cada dez pessoas tem 60 anos de idade ou mais e, para 2050, estima-se que a relação será de uma para cinco em todo o mundo e de uma para três nos países desenvolvidos. O Censo 2000 verificou ainda que 62,4% dos velhos eram responsáveis pelos domicílios brasileiros. Essa estatística do crescimento da população velha é uma justificativa da importância de se estabelecer pesquisas sobre este grupo etário em todas as áreas do conhecimento.

O ponto de partida para o entendimento do processo de apropriação de novas tecnologias é a caracterização do que seria o envelhecimento, porém, os termos "velho", "idoso" e "terceira idade" são termos próprios de uma formação ideológica sobre a representação desta faixa etária e não dão conta de expressar a diversidade de significados a elas subjacentes e nem a diversidade de possibilidades de vivência da velhice por diferentes sujeitos e classes sociais. Por essa razão os termos vêm sendo alterados constantemente. Segundo Schneider e Irigaray (2008) o envelhecimento não é

algo determinado pela idade cronológica, mas é consequência das experiências passadas, da forma como se vive e se administra a própria vida no presente e de expectativas futuras; é, portanto, uma integração entre as vivências pessoais e o contexto social e cultural em determinada época, e nele estão envolvidos diferentes aspectos: biológico, cronológico, psicológico e social. (p. 586)

Bosi nos alerta que, "além de ser um destino do indivíduo, a velhice é um categoria social" (Bosi, 2006:77). Na sociedade ocidental e industrial o velho perde seu papel pois já perdeu sua força de trabalho, na maioria das vezes. Apoiado nessa concepção de envelhecimento, este trabalho considera que a inclusão de adultos e velhos na busca pelo aprendizado das novas tecnologias da comunicação e informação é um dado novo a ser pesquisado e aprofundado. O que buscam os velhos nas práticas digitais? Que representação eles têm dessa tecnologia?

Em entrevista a uma usuária de 79 anos é possível compreender um pouco do imaginário sobre a tecnologia para essa senhora. Se no início, a internet era para ela algo mágico que mistura "sensações físicas e extra sensoriais", ao estudar sobre os computadores, ela chegou à conclusão de que o processo de evolução da tecnologia veio de aparatos tecnológicos mais remotos, como o ábaco, e isto a impulsionou a entrar em contato com esse universo. Segundo a D. Mirian "Quem não se afina com a internet, com a computação é um analfabeto". Ficou evidente no seu depoimento seu desejo de aprendizado da tecnologia após a desconstrução da idéia de que a internet era algo extra sensorial e vinha de algo muito mais próximo da sua realidade.

(...) mas aí um dia eu li que o computador começou no ábaco. Porém eu conheço o ábaco. Na minha sala de aula tinha um ábaco pregado lá na parede, a professora fazia, mas não usava. Uma vez eu falei com ela, oh dona Célia eu sou encantada com aquele negócio ali, o que é aquilo? Ela disse assim, eu vou fazer uma demonstração rápida ligeira para nós. Então eu vou falar que conheço o ábaco, conheço de vista, NÉ? Mas aí então se a internet começou lá, eu posso aprender, porque depois eu vi que foi desenvolvendo pros teares, pras máquinas de calcular, aquelas coisas todas. Então eu achei, não é? Parada pra mim, então eu posso aprender. E vim..[2] (Depoimento da D. Mirian)

Ao longo do seu desenvolvimento cognitivo, o ser humano vai adquirindo uma série de competências e informações que são reflexo dos processos de aprendizados a que foram influenciados, seja por fatores internos, externos, sociais ou individuais. A memória estabelece relações diretas, relacionadas pela atenção e pela motivação. Basicamente temos três tipos de memória: a memória associativa, que se caracteriza pela baixa estocagem de informação, como por exemplo, o "decorar" de uma poesia. A memória relativa ao sistema de conhecimento, onde o entendimento do assunto está associado à memorização e finalmente a memória episódica, na qual os fatos marcantes ficam registrados e aguardando serem retomados. Os velhos apresentam mais dificuldades em guardar o significado de cada ícone e localização das informações nas páginas, todos os sujeitos velhos observados na sala digital do CVT utilizam junto à tecnologia um bloco de notas, onde as informações para cada acesso são registrados e consultados posteriormente. Conforme os autores Marteleto e Ribeiro (Marteleto e Ribeiro, 2001) o conhecimento e informação são

fenômenos interligados pela sua natureza comum - o ato de obter e dar significado cultural (compartilhado) ao mundo, mas não são processos idênticos ou que se confundem. [As autoras afirmam, ainda, que o conhecimento e a informação funcionam em níveis distintos, uma vez que o processo de conhecimento] supõe a estruturação e depuração de informações: seleção da informação relevante, triagem e eliminação da informação supérflua, o que garante a 'eficácia da memória', uma vez que não se pode reter todas as informações disponíveis. (p. 03)

Bosi nos diz a partir dos estudos de Bérghson que a conservação e atuação do passado no cotidiano dos sujeitos está relacionada a dois tipos de memória, uma ligada aos automatismos das ações, de efeito mecânico, e outra ligada a fatos isolados que remontam ao passado. O cotidiano então atravessa de forma conflitiva a rigidez de um hábito e o aprendizado de novos hábitos. No que se refere ao aprendizado para os velhos, Bérghson apud (Bosi, 2006) nos diz que

o velho típico já não aprenderia mais nada, pois sua vida psicológica já estaria presa a hábitos adquiridos, inveterados; e, em compensação, nos longos momentos de inação, poderia perder-se nas imagens-lembrança (p. 49)

Em contrapartida, Bosi baseada nos estudos de Halbwachs, nos diz que o fator regulador da memória-indivíduo se desloca para a memória-sociedade. Segundo Halbwachs apud (Bosi, 2006), nessa outra visão a

a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (p. 54) [*e ressalta a importância da linguagem para a materialização dessa memória, pois*] o instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. (p. 56)

A mesma senhora que descobriu o mundo mágico do computador tem consciência dos limites da memória e também dos possíveis equívocos que circulam sobre memórias de velhos.

Agora, o que perturba, o que atrasa, o que atrapalha é a memória do idoso. Porque idoso é assim, ele aprende uma coisa hoje e daqui cinco minutos ele esqueceu. Mas não sai da cabeça não, fica passeando por ali, de repente lembra de novo. As pessoas pensam que a gente esquece pelo resto da vida, não é não, a gente esquece no momento. Tem certas circunstâncias que esquece pelo resto da vida,

mas tem MUITAS circunstâncias que a gente esquece aqui, mas lembra daqui a pouco ou lembra amanhã. (Depoimento da D. Mirian)

Dentre as diversas estratégias e possibilidades de conservação da memória, certamente, novos aprendizados, nesse caso o acesso a novas tecnologias, são meios importantes a serem considerados.

A participação de velhos em salas digitais nos leva a pensar que suas presenças no Centro Vocacional Tecnológico, até mesmo pela política do centro estar dirigida à formação tecnológica para a inclusão social, está muito mais ligada à necessidade deste grupo de ter um local para sociabilização do que para aprendizado da tecnologia em si, isso se confirmou em entrevista a uma das monitoras de uma das salas de velhos, pois nesse espaço iniciou-se a formação de uma rede de relacionamento fechada à entrada de novos usuários

tanto é que quando entra alguém diferente eles reclamam...aquele Valdir...os dois homens custaram pra entrar porque elas ficavam reclamando o tempo todo (Depoimento de Alcione)

É importante ressaltar que aliado ao desejo de sociabilização está presente o desejo do aprendizado da tecnologia. A internet se desdobra em muitas facetas para estes sujeitos: sociabilizar, comunicar, pesquisar, aprender, formar redes virtuais, etc. Essas funções ficam claras em suas falas. Ao se apropriarem dessa tecnologia, essas senhoras atualizam estratégias de relação com a família, refazendo inclusive suas concepções sobre ela. Uma avó, que antes estranhava o fato de o neto passar o dia todo no computador, compreende melhor o que se passa com ele:

Eu gosto, eu acho bom. Às vezes eu falava dos meus netos que ficavam o dia inteiro, mas eu gosto. É engraçado, a gente nem sente que está ali não, as horas passam rápido. (Depoimento da D. Mariléia)

Esse tempo na internet ela ocupa olhando se "tem recado" dos filhos na sua página do site de relacionamentos "orkut", copiando "coisas", como por exemplo, receitas e fotografias para guardar nos seus "documentos" do computador.

Incluídos ou excluídos?

Para discutirmos a inclusão digital devemos pensar na tríade: equipamentos, conectividade e letramento, como nos sugere Warschauer (2006). Os equipamentos e a conectividade referem-se ao acesso físico e à estrutura de conexão à rede. Porém esses dois itens por si sós não garantem as práticas sociais

de utilização da tecnologia da informação e comunicação. Para pensarmos um modelo de inclusão devemos discutir quais as funções e significados que eles atribuem a essa tecnologia, daí, então, a importância do conceito de letramento digital. Para Soares (Soares, 2002:152) o letramento digital é um "certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela". O conceito de "letramento digital" parece ganhar espaço em um momento histórico em que essa nova tecnologia da escrita ainda é privilégio de apenas parte da sociedade. No entanto, é importante reconhecer que cada vez mais há uma interconexão entre a tela e o livro ou o impresso que nos impedem de identificar, de um lado, os letrados do impresso e, de outro, letrados digitais.

Warschauer (2006) sugere que a taxa de exclusão digital refere-se mais à falta do letramento do que a conectividade e equipamento. Segundo Marinho (Marinho, 2007), o conceito de letramento

(...)prevê um referencial teórico-metodológico capaz de dar conta das competências habilidades discursivas, linguísticas, técnicas, cognitivas, disposições e conhecimentos sócio-culturais, que são condicionados por determinados fatores sociais, políticos e culturais. [desta maneira não podemos discutir a questão da inclusão através dos termos letrados e iletrados, pois] (...) avaliar o grau de letramento de indivíduo ou de uma sociedade significa avaliar as suas possibilidades e condições de participação nas práticas de escrita que essa sociedade disponibiliza. (p.03)

É interessante notar que, de um lado, os sujeitos interessados nessas tecnologias buscam, intuitivamente, transformá-las em recursos para interações, atribuindo-lhes funções sócio-comunicativas ou para resolução de problemas, para aprendizado de coisas do seu interesse. De outro, os mediadores do aprendizado e uso dessas tecnologias, nesses centros, apostam na transposição de pressupostos e de metodologias de alfabetização e de ensino de leitura que revelam um descompasso entre o avanço das discussões e pesquisas no campo e a aplicação desses pressupostos para o ensino-aprendizagem dos conhecimentos sobre a *internet* no CVT.

As estratégias utilizadas por esses velhos em salas digitais nos leva a perceber diferentes estratégias de utilização da tecnologia. Com diferentes graus de letramento, o grupo percebe a inclusão digital como um novo acontecimento em suas vidas, marcado pelas possibilidades de contato, seja no espaço da sala digital ou em suas trocas de mensagens pela *internet*. Talvez seja uma tentativa de fugir do esvaziamento das atividades diárias, pois como afirma Bosi (Bosi, 2006)

a medida que o tempo social se empobrece de acontecimentos, se afina e esgarça, vão pondo nu aquele tempo vazio, sem aparas, como um chão infinito, escorregadio, em que os passos deslizam. (p. 416)

Em síntese, observamos que as interações entre os velhos e as tecnologias de comunicação, nessas salas do CVT, enfatizam a importância desses espaços como um lugar de sociabilidade e de lazer. Neles os velhos fazem uso dessa tecnologia para atividades de comunicação, de interação, ampliando sua rede e modos de relações sociais; aprendem a fazer coisas com o uso de novas tecnologias, atualizando suas concepções sobre a própria tecnologia. Por fim, reinterpretam, ressignificam ou se apropriam de maneira distinta dos objetivos e funções previamente atribuídos às políticas e projetos de inclusão digital, sugerindo-se pois aos gestores dessas políticas a necessidade de se repensar seus pressupostos e estratégias

Referências bibliográficas

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos*. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

Helman, C. G. (2005). Cultural aspects of time and ageing: time is not the same in every culture and every circumstance; our views of ageing also differ [Special Issue]. *European Molecular Biology Organization*, 6 (S1), S54-S58 .

KOCH, Ingedore Villaça. Linguagem e interação face a face. In KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela Linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

MARINHO, Marildes. Que novidades trouxeram os "novos estudos sobre letramento. In: VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste, 2007, Vitória. *Anais do VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste - 27 a 30 de maio 2007*, 2007. p. 1-14.

MARTELETO, R. M., RIBEIRO, L. B. Informação e construção do conhecimento para a cidadania no terceiro setor. *Revista Informação e Sociedade: Estudos*, v. 11, n. 1, 2001. Disponível em . Acesso em 10 de março 2009.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia I Campinas I 25(4) I 585-593 I outubro - dezembro 2008*

SOARES, Magda. Novas possibilidades de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*, dez. 2002, vol. 23, n.81, p. 143-160.

WARSCHAUER, Mark. *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*. Mark Warschauer; tradução Carlos Szlak. - São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm> Acesso em 10 de março de 2009

[1] Projeto de pesquisa de mestrado, em andamento, no Programa de Pós-Graduação da FAE/UFMG, sob a orientação da professora Marildes Marinho.

[2] Pelos objetivos específicos deste trabalho, os depoimentos foram editados, apagando-se as marcas de oralidade que dificultariam a clareza dos conteúdos expressos nessas falas. As marcas suprimidas dizem respeito à entonação, correções, supressão de parte das palavras, alongamentos, repetições sem relevância para a compreensão dos efeitos discursivos. Quando relevantes, foram mantidas marcas de entonação